

Texto base da pedagogia do P. José Kentenich II - Comentários 40 anos depois

Educação para a liberdade

[Introdução](#)

[Texto](#)

[Textos de aprofundamento](#)

[P. Kentenich](#)

[Outros](#)

Introdução

Na infância, juventude e estrutura pessoal do fundador, observamos já as bases da sua abordagem orgânica e da sua orientação sobrenatural, que incluiu a descoberta da missão especial de Nossa Senhora; mas descobrimos também as bases da sua abordagem pedagógica e da sua imagem do homem, essencialmente determinadas pela liberdade e a autonomia.

Destes dois pontos de vista dá testemunho o seguinte texto extraído do “Terciado de Brasil” (vol. II, 222 - 239), dado nos meses de Fevereiro e Março de 1952, em Santa Maria, Brasil, para os Padres palotinos desse país. O P. Kentenich encontrava-se já a caminho de Milwaukee, rumo ao exílio. Essa circunstância talvez o motivasse também a fazer mais referências à sua própria vida e às suas experiências pessoais na área da pedagogia. O texto auto-biográfico relata os passos pedagógicos do jovem Kentenich na época da fundação de Schoenstatt

Texto



Schoenstatt ensinou-nos como superar o homem massificado:

- em primeiro lugar, como um programa,
- em segundo lugar, na teoria,
- e em terceiro lugar, na prática.

O que significa dizer que nos ensinou na prática como superar o homem massificado? Certamente ouviram falar do chamado Documento da Pré-fundação. Nela têm o programa que foi até agora e será até ao fim dos tempos a norma da nossa tarefa educativa.

Primeira pergunta: Qual é o programa?

Reza assim: “*Sob a proteção de Maria queremos aprender a educar-nos a nós próprios para sermos personalidades firmes, livres e sacerdotais*”. Reparem que é um programa simples mas enorme de auto-educação que se norteia pelo ideal do homem dotado de uma verdadeira liberdade interior.

Este programa manteve-se inalterável apesar de, uma ou outra vez, se ter formulado com outras palavras. Reitero o que já lhes disse: trata-se de sermos autónomos para sermos capazes de tomar iniciativas. Daí que no programa se diga que aspiramos a educar-nos a nós mesmos, queremos tomar a iniciativa na nossa educação. Auto-educação significa, por isso, que não estamos dispostos a render-nos às massas; mesmo fazendo parte da multidão, queremos segurar as rédeas na mão.

Segunda pergunta: Como surgiu este programa?

Em primeiro lugar, surgiu da minha própria estrutura psicológica. E aqui é válido o que lhes expus nestes dias como a dupla forma da missão carismática (de Schoenstatt) se impôs no programa. Ainda se lembram das duas formas da missão carismática? A forma geral é o homem novo na nova comunidade ao serviço do apostolado universal. E a outra forma? O homem animado pelo espírito, ligado ao ideal, vinculado intimamente à comunidade e que se comprometeu com o apostolado universal.

Confesso-lhes que desde a minha infância foi esta a minha atitude pessoal fundamental. Compreenderão então que, desde o momento em que fui oficialmente designado educador, não tenha podido fazer outra coisa senão proclamar a idéia de acabar com todo o formalismo. O que temos que formar é a pessoa ligada ao ideal e que está comprometida com o apostolado universal. Acabar com todo o formalismo[...]

Para que possam compreender quão fortemente eu estava motivado, desde o início, pelo desejo de formar pessoas autónomas e com os pés bem assentes na terra, gostaria de vos explicar brevemente como era o meu trabalho como professor, pois antes de ser diretor espiritual fui docente.

Como professor, tive sempre em vista o objectivo que era: os alunos deveriam adquirir conhecimento claro e independente e não apenas decorar conhecimentos. O curso que me foi então atribuído estava atrasado seis meses em relação aos conteúdos de aprendizagem. Portanto, eu devia dar num ano os conteúdos de um ano e meio. Humanamente falando, deveria ter ficado nervoso e pressionado os pobres alunos: “Continuem a estudar! Ainda têm isto e mais aquilo para aprender!”

Permitam-me expor-lhes como procedi nessa altura. Quando se trata de aprender, o importante para mim é sublinhar a ideia da autonomia e da independência: Não posso fazer nada com pessoas massificadas, mas só com personalidades autónomas, homens ou mulheres; pessoas capazes de formar o seu próprio juízo e defendê-lo. Parece-lhes que teria podido fundar um Movimento desta magnitude se tivesse procedido de qualquer outra maneira, isto é, se eu tivesse pensado que bastava influenciar as massas? Apenas pretendo descrever-vos brevemente o método que então apliquei como professor.

Em primeiro lugar, nas aulas eu não tinha nenhum livro na mão; permanecia sempre de mãos livres diante dos alunos.

Em segundo lugar, quando ensinava latim e alemão tentava que os alunos descobrissem as regras por si mesmos. Demorava muito tempo, mas um professor não se pode enervar, mesmo quando é preciso dar a matéria de ano e meio. Temo o homem movido por uma única grande ideia.

Em terceiro lugar, quando eu fazia uma pergunta e alguém não sabia responder, educava os alunos para que ajudassem metodicamente o rapaz que não sabia responder, até que ele encontrasse a resposta. Eu nunca perguntava a ninguém: “Qual é a resposta?”, mas dizia: “Ajudem-no a encontrar a resposta correta”. Isto levava-os a fazerem uma série de perguntas conducentes à descoberta da resposta. A minha preocupação foi e é educar para a autonomia: Nada de massificação!

Lembro-me muito bem como escrevi o primeiro exame que preparei. Nessa altura era comum os alunos copiarem. Sabem o que fiz? Dei-lhes o teste e saí da aula. Mais tarde disseram-me várias vezes que desde então nunca mais ninguém copiou. Isto é uma aplicação da pedagogia da confiança. Naturalmente deve existir uma certa atmosfera, senão fracassará.

Digo-lhes estas coisas para que vejam que desde o princípio a meta foi sempre a mesma: Eu só posso trabalhar com pessoas autónomas, tanto no plano da espiritualidade como do conhecimento.

Quando tinha que recompensar os alunos, eu adaptava uma aula durante a qual discutíamos exclusivamente

questões sobre a vida, a que dávamos resposta dos pontos de vista moral, ético e religioso. Mais ou menos a cada três meses fazíamos concursos. Formavam-se dois grupos. Um grupo apresentava uma questão ao outro. Se um dos membros deste último respondia, ganhava um ponto. Mas se ninguém acertava na resposta, tinham que ajudar o estudante a quem a pergunta tinha sido feita primeiro a encontrar a resposta. Assim se desenvolvia o concurso, num vaivém. Não me detenho neste ponto; só me interessa que observem o sério empenho em educar pessoas autónomas, que viessem a ser independentes. A propósito, este tipo de concursos (concertatio scientifica) não é invenção minha mas a forma como os jesuítas ensinavam.

Em suma, como se originou esse programa de auto-educação para superar o homem massificado? A resposta é: Há que procurar as suas raízes últimas e mais profundas na estrutura do meu próprio ser, que transferiu para o plano moral e religioso a autonomia académica do professor e dos alunos. O motivo concreto para traçar esse programa foi a rebelião da nossa juventude e a nossa relíquia¹ era então também um revolucionário. [...]

Ensinámos a superar o homem coletivista e vivemos esse ensinamento tanto do ponto de vista teórico como prático. Mais tarde o programa entrou na história de Schoenstatt como Documento de Pré-fundação.

Este programa contém o coração e o centro da minha vida interior. Mesmo que não se tivesse verificado a oportunidade histórica para o fazer, eu tê-lo-ia proposto de todos os modos, embora talvez formulando-o de outra maneira. A ocasião foi a rebelião com que me deparei quando me nomearam diretor espiritual.

Suponho que todos sabem dela. O P. Carlos aponta em direção da nossa relíquia, com o pedido silencioso de que ele relate o que se passou naquela altura. Apoio o pedido porque assim pouparei tempo. Agora só quero sublinhar dois elementos. O primeiro é a “conspiração da horta”. O P. Alfons contar-lhes-á um pouco sobre esta conspiração. O seu objecto não foram as hortaliças, não foi a insatisfação com esta ou aquela hortaliça, mas chama-se assim por se ter gerado na horta. Baseava-se no pensamento seguinte: “Queremos ser livres como eram os nossos antepassados padres”. E como eram os seus antepassados livres? O P. Alfons contar-lhes-á como era a liberdade dos “Padres” em Ehrenbreitstein².

Em segundo lugar e apenas para caracterizar a tensão da situação daquele momento: Há um livrinho interessante chamado “Mais alegria”. Nele lê-se uma bela frase: “Um internato onde não reine a alegria, acabará por fechar; porque se num internato não existe uma atmosfera de alegria, existirá então uma atmosfera de pântano³. Mais tarde, ao falarmos sobre a pedagogia de ideais acrescentámos que parte essencial desta é a pedagogia da alegria. Naquela época os nossos rebeldes andavam de dentes cerrados e fizeram cópias da frase citada em papelinhos que deixaram “perdidos” em escadas e passeios, para que os superiores os encontrassem. Era um grupo revolucionário ...

E agora tenho que fazer um elogio à nossa relíquia. Faço-o para que ele relate depois ainda com mais gosto as suas recordações. Várias etapas precederam o que lhes vou dizer. Antes de mais, eu tinha que assegurar que os estudantes tivessem um conceito correto de obediência; que os nossos jovens reconhecessem e

¹ Entre os participantes do terciado, encontrava-se o P. Alfons Weber, um palotino alemão que trabalhava na Brasil. O P. Alfons tinha pertencido ao grupo dos congregados fundadores. Por isso recebeu a alcunha de relíquia, talvez posta pelo próprio P. Kentenich.

² Antes da construção do novo seminário em Schoenstatt, em 1912, os cursos superiores estudavam em Ehrenbreitstein. Era uma casa antiga, construída na encosta da serra, com soalhos que rangiam, e onde era fácil iludir de vez em quando o regulamento da casa. Com a mudança para o novo seminário de Schoenstatt, fez-se uma versão mais severa do regulamento da casa e o novo edifício oferecia aos superiores melhores possibilidades de vigiar o cumprimento do dito regulamento.

³ Paul Wilhelm von Keppler, Mehr Freude (Mais alegria), Friburgo de Brisgovia, 1921, 114 (a primeira edição data de 1909).

vivessem a idéia correta de obediência, de forma livre e por sua própria vontade. Dito em termos pedagógicos, havia que captar os instintos elementares de autonomia, batizá-los e integrá-los no contexto das estruturas católicas. Havia que orientar esta auto-afirmação elementar, que se manifestava como uma rebelião, e atrelá-la à carroça da obediência.

Eu teria podido dizer: “Em que estão a pensar, banda de rebeldes? Onde está o chicote? Que pretendem? Fora daqui! Ao diabo com vocês!” Mas essa é uma atitude errada; não se deve proceder assim. Quem lidou muito com jovens sabe que os elementos mais rebeldes são com frequência os melhores. A mestria do educador consiste em saber captar o instinto de força dos jovens, depurá-lo e, uma vez depurado, batizá-lo. Mais tarde tive que fazer o mesmo com as mulheres; no caso delas não se tratou do instinto de força, mas do instinto de entrega e beleza. A perícia consiste em captar os instintos fundamentais da natureza feminina, purificá-los e batizá-los. Este é sempre o princípio.

Certamente recordam o que o P. Máximo (Trevisan) lhes expôs sobre o ideal pessoal. O primeiro passo consiste na purificação das forças instintivas: a ideia da beleza, da força, da entrega. Também se poderia educar a juventude tal como se treinam animais. Mas o objectivo da educação não é domar feras, mas guiar interiormente o ser humano e os seus instintos para Deus.

Essa foi a primeira tarefa que tive de cumprir naqueles anos. Ao princípio tive que fazê-lo sozinho. Rapidamente tratei de reunir aliados entre os próprios estudantes. Uma vez conseguido isto, com a sua ajuda comecei a purificação ética dos seus instintos. Logo a seguir começou a orientação sobrenatural.

Nessa altura geraram-se duas correntes entre os jovens: O grupo missionário e o grupo eucarístico. O missionário tinha como objectivo a purificação ética; e o eucarístico, o “baptismo” sobrenatural. Sabem quem era então um dos líderes? A nossa relíquia (sanctus, sanctus, sanctus). Foi o primeiro chefe do grupo eucarístico. Digo-lhes que nunca fiz nada sem a colaboração autónoma e livre dos meus rapazes.

Atualmente encontro-me em luta com o episcopado alemão. Eles não entendem que um homem possa exercer tanta influência sem ser um ditador. O episcopado pensa que todos os que se juntam a mim são homens massificados. O golpe de mestre consiste em educar pessoas autónomas que abracem o seu ideal por convicção íntima e vos acompanhem nas boas e nas más horas, mas o façam de forma livre e por sua própria vontade.

Tratarei de ser breve. O P. Alfons contar-lhes-á mais sobre aquela época revolucionária.

A rebelião ofereceu-me a oportunidade de proclamar as minhas ideias sobre a autonomia e firmeza da personalidade. Eu tê-las-ia exposto de qualquer maneira, mas naquela situação elas pareceram, de repente, muito diferentes. A tarefa consistia em canalizar o afã de conquista implícito na rebelião, e atrelá-lo à carroça da obediência. Dito isto, havia que mostrar-lhes que obediência não era sinal de debilidade, mas que supunha uma força maior, cume de uma saudável energia; tinha que lhes mostrar que a mais perfeita expressão da força residia no domínio dos instintos. Por isso no programa da Acta de Pré-fundação se lê:

Temos que nos educar para nos tornarmos personalidades firmes. Há muito tempo que deixamos de ser crianças. Naquele tempo, deixávamos o nosso bom ou mau humor e os nossos estados de espírito determinarem o nosso atuar. Mas agora temos que aprender a agir guiados por princípios sólidos e claros...

Na educação dos homens devem apelar a objetivos firmes e reconhecidos com clareza, mesmo quando estão frequentemente a lidar com pessoas débeis.

Mas agora temos que aprender a agir guiados por princípios sólidos e claros... Tudo em nós pode vacilar. Tempos virão, com certeza, em que tudo em nós vai vacilar.

E prestem atenção: Então os atos religiosos já não nos poderão ajudar ... Eu estava em luta contra uma religiosidade formalista de puros atos de devoção. Não é uma luta contra os atos religiosos enquanto tal, mas

contra uma religiosidade de exagerado cultivo desses atos. Mais tarde dissemos frequentemente que uma pedagogia de ideais é uma pedagogia de atitudes, em oposição a uma mera pedagogia de atos de devoção.

Retomo o texto:

Então, já não serão os atos religiosos a poder ajudar-nos. Uma só coisa nos pode ajudar: os nossos princípios. Temos que ser personalidades firmes.

Aqui nos apercebemos da forte luta por caracteres firmes, personalidades independentes. E continua:

Temos que ser personalidades livres. Deus não quer escravos de galera, quer remadores livres...

Em seguida mencionarei uma expressão desagradável, mas que era adequado aos sentimentos dos jovens naquela época. Aquela banda de rebeldes considerava a obediência como sendo lambe-las botas aos superiores. Observem que eu, na minha qualidade de educador, tinha que me adaptar à linguagem dos jovens. Naquela época os nossos jovens não tinham uma verdadeira mentalidade religiosa. Se eu então tivesse cantado um hino de louvor a uma atitude religiosa, ninguém me teria compreendido. Porque a convicção que flutuava no ambiente era: “Não obedeceremos. Isso é escravatura”. Por isso tive de adaptar-me a essa maneira de pensar e falar. Daí a frase:

Outros podem arrastar-se pelo chão diante dos seus superiores, lambe-lhes as botas e agradecer serem pisados...

E a seguir apelei a outro sentimento dos rapazes: a consciência de serem pessoas autónomas. Já não somos crianças mas homens fortes. Agora ouçam: Nós temos bem consciência da nossa dignidade e dos nossos direitos... Outros poderão rastejar perante os seus superiores, mas não nós. Nos nossos cursos superiores também temos direitos e estamos cientes deles.

Surge agora o golpe de mestre: mudar a perspectiva e utilizar a sua consciência de dignidade e força próprias para aprenderem a obedecer filialmente. Escutem a frase seguinte:

Não é por temor ou coação que nos inclinamos diante da vontade dos nossos superiores, mas porque o queremos livremente...

Isto significava na prática apelar ao que eles tanto valorizavam: a liberdade. Não queremos ser escravos mas homens livres. Mais ainda: através de cada ato de subordinação livre aumenta a nossa liberdade, a nossa autonomia, a nossa grandeza. Convém repetir a frase completa:

Não é por temor ou coação que nos inclinamos diante da vontade dos nossos superiores, mas porque o queremos livremente, porque cada ato de submissão racional nos torna interiormente livres e autónomos...

Percebem o método subjacente a isto? Agora deveria expor-lhes como eduquei para a obediência os estudantes mais novos, ainda pequenos. Talvez se espantem se lhes disser que nessa altura lhes lia o livrinho sobre a vida da pequena Nelli⁴. Era uma menina de grandes dotes e de uma atitude totalmente sobrenatural.

Assim, com os rapazes que ainda não tinham entrado na adolescência eu falava em termos totalmente sobrenaturais, tal como se fala às crianças. Mas no caso dos nossos rapazes mais velhos, a quem já despontava a barba e mudava a voz, que ficavam contentes por escutar a sua voz rouca na oração comunitária, a esses falava só de força. Mais tarde sempre fiz assim: explicava aos jovens exatamente o que

⁴ Nelli Organ (1903-1908), uma menina cuja fé natural é descrita no livro alemão “A pequena Nelli de Deus”. Ver também J. Kentenich, Ser Filho Diante de Deus, Inst. Sec. Padres de Schoenstatt, São Paulo, Brasil.

estava a acontecer no seu interior.

Permitam-me assinalar um facto curioso. Acontece com frequência que educadores que foram muito estouvados, e o levavam ao extremo, são mais tarde incapazes de educar os alunos quando estes entram na adolescência. O golpe de mestre consiste em adaptar-se com muita sensibilidade à vida dos que nos foram confiados, não só no modo como falam, mas também à sua forma de pensar e de viver, quer dizer, explicar-lhes os seus agitados impulsos instintivos e depois como depurar estas forças e batizá-las. É este o método.

Como posso educar os meus jovens para que cheguem a ser homens autónomos e livres? Chamamos o nosso método purificação ética dos instintos. A modo de ilustração pode fazer-se referência ao mundo animal: elefantes, leões, ursos. E explicar: Se a grandeza de um homem consistisse em impor cegamente a sua vontade, então o elefante seria maior que todos os homens. A grandeza do ser humano reside na sua capacidade de dominar o poder dos seus instintos.

Textos de aprofundamento

P. Kentenich

Marian Instrument Spirituality, pp. 31-38

What is my Philosophy of Education?

Kentenich/King I, Free and Wholly Human, Parte II

Outros

Monnerjahn, A Life for the Church (2001), pp. 54-63

Niehaus, New Vision and Life (2004), pp. 5-24

Feldmann, O Afável Rebelde de Deus